

A memória em fotos

As fotografias exercem um papel importante na vivência da coreógrafa Laura Virgínia, 51 anos, e da filha, a fotógrafa, Luísa Lemos, 29, com a matriarca da família, a enfermeira aposentada Maria de Jesus Santos, 85. O pai de Laura adorava fotografia, e a família sempre teve inúmeros álbuns. Quando a mãe começou a ter muitos lapsos de memória, Laura montou um álbum com a vida de Maria, desde a juventude.

Ela se senta com Maria e vai mostrando as fotos e explicando cada imagem. “Mostro quando ela era novinha, estudando enfermagem e com a família. Ela costuma reconhecer as irmãs. É uma forma de a gente guardar esse passado e essa história”, diz a coreógrafa.

Formada em fotografia, Luísa enxergou na avó a inspiração para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A exposição chamada *Maria* trouxe a foto da avó e as fotos que ela costumava repetir o tempo todo. “Minha intenção foi mostrar a essência de como é a minha experiência de tê-la por perto. Compartilhando na composição fotográfica esses momentos que me são curiosos em nossos encontros”, conta a jovem.

Há cerca de 10 anos, a família percebeu que Maria estava com problemas de memória e começou a ficar mais atenta a alguns detalhes. Para estimular o cérebro, ela começou um curso de francês e alguns outros pelos quais se interessava. Sempre muito independente, Maria começou a pedir ajuda com alguns esquecimentos e, um tempo



Laura e Luísa se dividem nos cuidados com Maria de Jesus: a avó inspirou a neta a fazer uma exposição fotográfica (d)



Fotos: Arquivo Pessoal

depois, em 2012, Laura recebeu a ligação de um policial. Maria tinha batido o carro. Quando chegou ao local, a coreógrafa viu a ficha cair e sentiu o impacto quando o policial comentou que entendia a situação, pois “também tinha um pai com Alzheimer”.

Com a carteira suspensa, Maria sentiu o primeiro golpe em sua independência, e a família foi em

busca de ajuda médica para entender o que estava acontecendo e obter um diagnóstico mais claro. Laura e Luísa começaram a se rezezar para que Maria sempre tivesse uma companhia, e a matriarca continuou mantendo grande parte da sua rotina normal.

Inversão de papéis

A autonomia ia se perdendo aos poucos. Há cinco anos, Maria

se perdeu e caiu na rua. “Ela sempre voltava da igreja de carona com amigos, mas, depois que ela se machucou na rua, vimos que não poderia mais ficar só”. A coreógrafa se mudou para a casa da mãe. Durante a pandemia, Luísa também foi morar com a mãe e a avó. “É uma adaptação. Voltar para a casa da mãe e se tornar responsável por tudo, alimentação, vida financeira. Quase uma inversão de papéis.”

Rede de apoio

Criado no fim de 2019, o Coletivo Filhos da Mãe já teve bloco de carnaval e tem um grupo no WhatsApp, onde promove lives, saraus e parcerias com outros grupos de apoio a cuidadoras. O grupo divulga informações sobre a doença de Alzheimer e campanhas de cuidado e autocuidado.